

# Curando e aparando vidas (esse texto é diferente do livro)

Formatado: Fonte: 10 pt

Com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Deus veio ao mundo, três coisas ele curou: a arca, o vento e a espinhela caída. Com o poder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, Jesus Cristo alevantou.

Luiza Teixeira Ramalho, benzedeira de Araçuaí, Minas Gerais

No Brasil, a tradição de partear, assim como a de benzer, é resultado dos diálogos culturais entre africanas, indígenas e europeias. Já havia na Antiguidade indícios de mulheres que punham em prática os saberes passados de geração a geração trabalhando como benzedeiras, curandeiras e parteiras. Naquela época, eram elas que viajavam de casa em casa, aldeia em aldeia, atuando como médicas locais. Todas essas práticas femininas que exigiam o conhecimento dos segredos da natureza e da fé foram requisitadas por pessoas de diferentes classes. Contraditoriamente, séculos mais tarde, elas seriam consideradas bruxas pela Igreja Católica.

Muitos eram os nomes dados às mulheres que se dedicavam a essas artes. Aparadoras, parteiras, curandeiras, benzedeiras etc. Embora apagadas dos autos da história médica oficial, as evidências mostram que, nas casas-grandes, foram elas, na condição de cativas –

muçamas, amas-de-leite ou mães-pretas – as primeiras responsáveis ao lado das índias, pelos cuidados terapêuticos com a manutenção da saúde e o combate às doenças da família brasileira. Desde a travessia, um misto de magia, espiritualidade e força, define essas práticas culturais – alvos permanentes da repressão na colônia e mais tarde no império – trazidas do continente africano e recriadas no Brasil.

As condições nefastas do cativeiro e a marginalização no pós-emancipação impediram que africanas e crioulas, escravas ou livres, nos deixassem um legado expressivo de suas experiências na área da cura. Em geral, poucos são os registros oficiais sobre a vida dessas mulheres, o que faz dos documentos da Inquisição fontes de grande valor para pesquisas. Diários, biografias e ainda cartas produzidas por essas agentes têm um teor de raridade. Ao serem levadas para o Tribunal do Santo Ofício, um pouco da história dessas mulheres vinha

Excluído: como

Excluído: escravas

Excluído: "

Excluído: "

A comvente história de Luiza da Silva Soares é outro exemplo doloroso da conversão de intolerância religiosa em sinônimo de violência física e mental. Nascida em Olinda, Luiza ficou conhecida como a "feiticeira" do arraial de Antônio Pereira. Diz-se que vários fatos mágicos contaram com a sua participação, dentre eles o envenenamento de lavras auríferas que se tornaram improdutivas. Suas primeiras acusações são dos idos de 1738 quando Josefa Maria, "sua senhora" – desejando castigá-la - teria tentado abrir a porta da senzala e se viu impedida por fortes dores nos braços, atribuídas aos poderes mágicos da escrava. A partir de então, Luiza ficou identificada

Excluído: a escrava  
 Formatado: Fonte: Não Negrito

São inúmeros os casos de repressão inquisitorial no Brasil. Entre outros relatos encontramos, em 1741, o nome de Luiza Pinta entre as acusadas pelo Tribunal do Santo Ofício em Minas Gerais. Com 51 anos, negra forra e solteira, Luiza veio da África no início do século XVIII e teria sido acusada de calunadeira. Foi presa e enviada a Lisboa no ano seguinte. Condenada a quatro anos de degredo no Algarve, Luiza ficou proibida definitivamente de voltar à vila de Sabará.

Excluído: da escrava  
 Formatado: Fonte: Não Negrito

A "magia" escrava era um dos maiores temores das elites senhoriais. Cientes da exploração e dos maus tratos que infligiam aos cativos, senhoras e senhores estiveram durante toda a escravidão receosos de se tornarem vítimas dos feitiços de suas "propriedades". Através dos processos do Santo Ofício, encontramos, em 1734, a escrava Marcelina Maria de 26 anos sendo acusada de superstição e feitiçaria. Natural do Rio de Janeiro, Marcelina morava em Lisboa. Inconformada com os maus tratos de "sua senhora" e na esperança de voltar para o Brasil, ela recorre aos remédios de Antônia, uma feiticeira moura. Já na mesa inquisitorial, ela confirma que conversou com o demônio e aceitou seus favores. Condenada a penas e penitências espirituais, Marcelina – que havia sido batizada como cristã no Rio de Janeiro – foi absolvida.

Formatado: Fonte: Não Negrito

Parte dos muitos processos arrolados pela Inquisição no Brasil e em Portugal dizem respeito à denúncia de práticas de feitiçarias pela população negra – escravizada ou forra. As acusações incluíam curas com ervas, adivinhações, pacto com o demônio, entre outras. Nos tempos coloniais, tudo aquilo que era diferente dos preceitos católicos era considerado demoníaco. Já no Império, com a difusão das idéias liberais, o Código Criminal de 1831 passa a "tolerar o feiticismo" desde que este se mantenha restrito à senzala e aceite permanecer sujeito às incursões policiais.

Excluído: e  
 Excluído: escrava

como a responsável por toda sorte de acontecimentos estranhos, em especial, a doença da senhora. Depois deste episódio, ela foi brutalmente torturada por "seus senhores" e pelo pároco local (tio de Josefa Maria). Presa desde 1739, foi denunciada à Inquisição de Lisboa em 1742. Quando enviada para a Corte, narrou todos as sevícias sofridas e afirmou que as suas confissões (pacto com o demônio, preparo de poções, raízes, pós, etc.) eram forçadas. Os suplícios narrados por Luiza e mais tarde por suas testemunhas incluem pancadas, aperto e costura da língua, lacre seco sobre as partes genitais, espancamento com espada, perfuração do olho, açoite com varas do mato, além de um desfile acorrentada pelo arraial. O depoimento da ré impressionou bastante os inquisidores. Após ouvir as suas testemunhas, considerar fracas as acusações senhoriais e suficientes as punições, o Santo Ofício decide colocar Luiza em liberdade pondo fim a um doloroso processo de sete anos.

Passadas duas décadas, o Tribunal faz sua última e mais longa visita ao Brasil. Estabelecido no Pará por seis anos, o Santo Ofício denuncia – dentre outras - a escrava Maria Francisca por práticas "mágico-religiosas". Mas nem por isso a população negra pode expressar livremente suas religiões tradicionais nos séculos seguintes. Nenhuma lei assegurava a liberdade religiosa da população africana e afro-brasileira residente no país. Ao contrário disso as autoridades continuavam condenando o "curandeirismo e a magia". É bastante emblemático o caso de Amélia Rosa, ex-escrava maranhense, conhecida como a "Rainha da Pajelança" que, em 1877, foi presa e torturada sob acusação de "práticas de feitiços e outras crendices".

A história deste universo feminino extrapola as malhas da repressão e assume lógica própria. Vale ressaltar o sincretismo que marca as vidas e ações destas mulheres outrora consideradas como perigosas ameaças. Benzedeiras – através de ervas, orações e crenças - mantêm vivo nos seus ofícios o diálogo permanente entre as tradições indígenas e as africanas. Menos do que culturas fixas e estáticas, a ação dessas agentes refere-se a um movimento de recriação e transformação das práticas médicas e religiosas. As africanas encontram no Brasil muita semelhança com a flora, a fauna e o clima tropical. Assim, plantas medicinais foram introduzidas no país e outras reconhecidas e incluídas nos tratamentos das doenças. Embora gozem de certo prestígio, a vida rotineira em nada difere das outras mulheres da comunidade, a não ser pelo fato de

Excluído: , por exemplo,

Excluído: cultura

Excluído: Aqui, v

Formatado: Fonte: Não Negrito

Excluído: uderam

Excluído: os negros(as)

Formatado: Fonte: Não Negrito

estarem sempre prontas a atender aos pedidos de socorro físico ou espiritual.

Suas rezas variam e o mesmo ocorre com os receituários. São preparados e receitados chás, garrafadas, banhos e unguentos. Resposta aos anseios das pessoas que buscam alívio para seus males, a ação praticada pelas benzedeiças – exímias conhecedoras das plantas – é uma das múltiplas faces da medicina popular praticada desde os tempos coloniais. Esse uso tradicional dos recursos vegetais não se limita às fronteiras das comunidades.

Reconhecendo a importância das benzedeiças, elas são fontes de pesquisas e inspiração para os estudos etnobotânicos, pois estas detêm um saber que a ciência, ainda hoje, não consegue explicar ou assimilar em sua amplitude.

A vastidão de protagonistas também diz respeito a práticas e crenças bastante heterogêneas. Tanto na cura como no parto nunca existiram métodos únicos, mais ou menos eficazes. Eles podem variar de acordo com a região e a ancestralidade dentre outros condicionantes. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, a curandeira Rita Maria, filha de escravos libertos, foi uma personalidade marcante na ilha de Florianópolis. Era conhecida pelo poder de cura de suas mãos. Faleceu, possivelmente, na década de 1920. Com o nome inscrito na memória da população local, Rita foi homenageada em 1982, quando seu nome foi concedido ao Terminal Rodoviário. Na mesma data também foram erigidos dois monumentos, um em ferro e outro em concreto, retratando sua figura com a mão espalmada.

Adriana da Silva do Nascimento, moradora de Rio Branco, no Acre contou que quando menina ficava fascinada ao ver a madrinha rezando as pessoas e por isso resolveu aprender as benzeduras – primeiro para dor de dente, depois para dor de barriga, cólica, e daí por diante. Vó Adriana, como ficou conhecida, aos 92 anos, conta que antes de se entregar ao ofício, já brincava de benzer as bonecas. Contudo, o compromisso de acatar a vontade divina não a isenta e nem a outras benzedeiças da labuta diária. Atualmente aposentada, Vó Adriana prepara e vende doces e refrescos, mas continua dedicando a maior parte do seu tempo às pessoas que a procuram em busca de rezas.

Júlia Barbosa de Melo nasceu em Bananeiras (PB), em 1895. Chegou a Roraima em 1916 e, na companhia do recém marido, começou a

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Realce

Excluído: de

Formatado: Realce

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Excluído: deter

Excluído: história

Excluído: a

Excluído: a e

Excluído: e

trabalhar no cultivo e produção de fumo, que se tornou cada vez mais próspero. Aprendeu a rezar com a mãe e passou a se dedicar à cura infantil. Além disso, devido à rotina falta de médico em Boa Vista, requisitada e adorada pelas crianças, Vovó Júlia morreu em 1980, com 95 anos. Outra referência na região norte, é dona Antonia Constança de Matos Campos que durante quatro décadas atendeu solidariamente e com muita dedicação ao chamado das pessoas que necessitavam de seus préstimos.

Em linhas gerais, essas mulheres são grandes referências que, por vezes, extrapolam o âmbito de suas comunidades. É o caso da matogrossense Francisca Correa da Costa que em 2002 recebeu da UNESCO o Prêmio Artífice da Paz pelos serviços prestados como curandeira na Chapada dos Guimaraes. Dispostas a atender em qualquer hora do dia ou da noite, ainda hoje a presença dessas mulheres é fundamental em povoados rurais e na região amazônica particularmente, onde Sofia de Oliveira e dezenas de outras se dedicam a garantir o bem-estar das pessoas com mãos, águas e plantas.

São mães, esposas, avós e tias que aprenderam com suas antepassadas a desempenhar tanto os afazeres do mundo natural quanto do sobrenatural. Jerônimo Francisca Pereira, nascida em Jataí (GO), também conhecida como Suzana, descobriu quase por acaso que tinha o dom das rezadeiras. Ela conta que quando sua avó ficou gravemente doente ela colocou a mão em sua cabeça e disse que iria curá-la. Fechou os olhos, rezou e a avó se sentiu aliviada. No Acre, onde vive atualmente, Jerônimo, além de parteira, é a rezadeira mais popular entre os moradores das redondezas de Capixaba e, assim como boa parte de suas companheiras, garante sua sobrevivência na venda de doces caseiros. Mas nem sempre a relação dessas mulheres com a reza está isenta de conflitos. Nascida em Limoeiro, a pernambucana Raimunda Odilia da Costa recebeu de sua avó um livro de orações enrolado numa fronha de travesseiro cuidadosamente costurada. Esse presente, espécie de prêmio por ter sido a primeira neta a aprender a ler não agradou Raimundo, seu pai. Este acreditava que as doenças curadas passariam para a filha, que se viu obrigada a esconder o livro por seis anos até se mudar para o Acre em 1952 e presentear os dias de sofrimento de uma menina. Graças a esse fato a criança foi salva e mãe Nosa permanece como grande referência.

Formataado: Fonte: Não Negrito

Formataado: Fonte: Não Negrito

Formataado: Fonte: Não Negrito

Formataado: Fonte: Não Negrito

Formataado: Fonte: Não Negrito

Nem só as benzedoras vivem da fé. Os desafios na hora do parto também são enfrentados a base de muita força espiritual. Nas boca do estômago.

estiver caída o doente não consegue comer porque o ossinho tampa a Jacomina, paulista de Ribeirão Preto, afirma que enquanto a espinhela de Caririnha, apela para Jesus Cristo, enquanto a rezadeira de Caririnha, apela para Jesus Cristo, enquanto a rezadeira reza para o barquinho de Santa Maria. A baiana Conceição Nicácio, mais conhecidas de Araçuaí. Já Geralda Preta, mineira de Bocaíuva, Rodrigues e Marciana Gomes da Cruz eram algumas das rezadeiras oferecia a Nossa Senhora da Arca. Luiza, juntamente com Fulosina durante a reza. Por fim, rezava um pai-nosso, três ave-marias e costas da pessoa. O doente segurava um ferro ou uma chave na mão espinhela caída através de suas palavras ditas pela frente e pelas Luiza Teixeira Ramalho, benzedora de Araçuaí (MG), garantia curar

medicinalis para a população local. referência no preparo de remédios e chás a base de ervas e plantas tradição iniciada pela mãe, Dona Eva até hoje é uma grande vassourinha – “aquele botãozinho branquinho”. Por conta dessa mãe, Bibiana Maria da Conceição benzia as crianças rezando a pelas mãos de Tia Ezilia. Ela também se recorda do tempo em que a em 1910, guarda na memória que sete dos seus nove filhos nasceram No quilombo da Rasa em Cabo Frio, Eva Maria da Conceição, nascida popular.

universo e nos ensina a respeitar e reconhecer a importância do saber de médium, curadeira, benzedora e parteira abre as portas deste rico A maranhense, de Penalva, Dona Raimunda, ao aceitar ser chamada reverenciada na comunidade local por curar as doenças das pessoas. Maria da Conceição Ferreira. Nascida em 1910, Dona Maria é mulher que tem a história ligada às plantas milagrosas e a mineira paralisadas e, depois de benzido por seu galho, saiu andando. Outra recebeu foi um homem que chegou em sua casa com as pernas começou a benzer, mas não esquece que a primeira pessoa que é carinhosamente chamada, não sabe ao certo com que idade de muitas crianças na barriga da mãe. Aos 83 anos, Dona Vale, como população cuiabana. Entre suas práticas está a de “arrumar” a posição da Lixeira, por muitos anos foi uma espécie de “pronto-socorro” da espinhela caída. A casa de Dona Maria Valeriana de Souza no bairro benzedora foi herdado da mãe, que benzia apenas quebranto e Em Cuiabá, Dellina Clementina de Jesus conta que o dom de

Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Excluído: Dona  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Formatado: Fonte: Não Negrito  
Excluído: Dona

Formatado: Fonte: Não Negrito  
Excluído: Dona

Formatado: Fonte: Não Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

Uma das primeiras parteiras reconhecidas e remuneradas no Brasil foi mãe Luzia. Nascida em 1854 em Macapá, no Amapá, Francisca Luzia da Silva era escrava. Recebeu a arte de partejar de sua mãe e desse aprendizado conquistou o mais alto reconhecimento. Ela foi contratada pela prefeitura de Macapá, passando a receber pelos partos que realizava. Era também lavadeira, contadora de histórias e conselheira procurada por autoridades, que eram recebidas por uma Mãe Luzia de seios nus e saia rodada, costume de seus ancestrais, que contrastava com a bata branca sempre bem engomada com a qual costumava sair. Morreu aos cem anos, e recebeu homenagens da população e autoridades. Mãe Luzia deu seu nome à maternidade de Macapá, referência pelo menor número de cesarianas do Brasil. Além de médicos e enfermeiras, a Maternidade Mãe Luzia conta com parteiras e parteiros no seu quadro de funcionários.

Também no século XIX, em 1871, a cidade de Santos foi moradia de outra importante parteira, Maria Patrícia Fogaça. Afilhada de batismo de José Bonifácio de Andrada e Silva, ela começa a exercer a profissão após a morte de seu pai. Dessa forma, passa a garantir o sustento da mãe, Joana. Devido à competência, sensibilidade e dedicação torna-se conselheira das famílias locais. Conta-se que seu enterro em 1913 parou toda a cidade. Hoje Maria é relembrada no parque infantil que leva seu nome.

Até o início do século XX, era comum que ex-escravas atuassem como parteiras. Foi a época de comadre Felicidade. Uma preta velha de aproximadamente 80 anos que vivia nos arredores de Passa Quatro, Minas Gerais. Os seus serviços eram requisitados tanto por pobres como por nobres. Nos momentos emergenciais, como a epidemia de varíola, em 1913, Dona Felicidade atuou como uma exímia enfermeira. Consta que recebeu este nome porque “vivia como a cegonha da lenda – trazendo felicidade aos ricos e pobres lares”. Em Belo Horizonte, nos primeiros anos da cidade, têm-se notícias de três parteiras: Tia Eva, Maria Honorata e Dona Júlia, “a mais

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

**Excluído:** cesareanas

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

**Excluído:** palco

**Excluído:** :

**Excluído:** superando dificuldades oriundas de sua cor

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

**Excluído:** a negra

**Excluído:** t

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

**Formatado:** Fonte: Não Negrito

recomendada". Sobre Tia Eva, consta que nasceu em torno de 1832 e faleceu em 1922, exercendo sua profissão predileta até quase a sua morte. Já Maria Honorata, parteira conhecida em Coqueiral (MG), era considerada "macumbeira" em função de suas práticas, provavelmente simpáticas e rezas.

Em Tocantins, a memória oral dos remanescentes quilombolas evoca importantes nomes femininos que ajudaram a compor essa história. Desde os tempos da escravidão, essas mulheres negras cumprem papéis que abrangem organização familiar, liderança religiosa, entre outros. Na segunda metade do século XVIII, Maria Felipa Aranha liderou o quilombo do Mola, formado por mais de trezentos habitantes, e foi sucedida por Maria Luísa Pirá. Ambas são lembradas como parteiras e experientes, outro nome dado às curandeiras nesta região. No quilombo de Paxibal, no mesmo estado, encontramos Leonor. Idosa e cega, a parteira morava sozinha, cuidava de suas coisas e trabalhava na roça. Antigas parteiras e rezadeiras como Joana Coelho, conhecida por Vieira, Virgíllina, Guita, Juvita, Telene, Catia, Odete, Maroquita, Madalena e tantas Beneditas, Raimundas e Marias são lembradas na memória dos remanescentes mais antigos do Tocantins.

Para estas mulheres, o acúmulo de inúmeras tarefas não significa só a garantia do sustento de cada dia, mas também o desafio às limitações e, principalmente, a busca de um tipo de independência bastante particular e muito valorizada pelas parteiras e rezadeiras locais. Diferindo da maioria das relações conjugais, nessas regiões, o marido da parteira – por exemplo - deve aceitar que sua esposa saia a qualquer hora do dia ou da noite, sozinha ou acompanhada de um homem, normalmente desconhecido (o marido da gestante), ficando horas ou até dias fora de casa. Nessas histórias de vida, os significados do trabalho são reinterpretados e extrapolam os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino.

Entre as gestantes existe uma predileção generalizada por parteiras. A associação entre feitiço e magia, recebida com grande inquietude pelos médicos, manteve-se como a preferência das parturientes. O corpo feminino não poderia estar sujeito ao olhar masculino, mesmo que especialista. Fora do parto, muitos diagnósticos eram dados pelos médicos sem que sequer vissem as pacientes. Nos primórdios da ginecologia, os corpos femininos estavam protegidos pelas normas de pudor e decência construídas pela sociedade da época. Até os

Excluído: !

Excluído: (as)

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não

Formatado: Fonte: Não



exames, mesmo que sob o comando dos médicos, eram feitos pelos maridos, que se esquivavam de olhar para a paciente. Embora em menor número, até hoje, continua ocorrendo relatos sobre a presença de maridos nas ante-salas ou mesmo nas salas de exames. Ironicamente, são essas próprias restrições impostas ao gênero que vão manter viva a tradição das parteiros e da aplicação dos seus segredos e saberes na hora do parto, preocupando os médicos, que consideravam essa preponderância "incivilizada".

Havia dois tipos de parteiros: aquelas que passavam por algum tipo de formação acadêmica e as práticas, que tinham adquirido seus conhecimentos pela transmissão oral. Com duração de dois anos, a partir de 1832 começam a ser ministrados nas escolas de medicina e cirurgia cursos específicos para partos. Contudo, um olhar mais atento nos leva a crer que nesse universo a tradição oral prevalecia sobre a formação acadêmica. Seria pouco provável que parteiros experientes recorressem a cursos desses formatos para aprimorar seus conhecimentos. Nesse momento, embora a possibilidade de realização de cesarianas por parteiros fosse bastante remota (devido ao desconhecimento da anestesia), existem relatos - mesmo que sem comprovação - de uma dessas intervenções feita pela parteira Felícia Cândida de Figueiredo em Coqueiral, nas Gerais do século XIX.

Foi na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas que Margarida Maria da Silva tornou-se parteira e, ainda muito jovem, passou a ser chamada de Mãe Maga. Sua experiência era tanta que previa quando a presença médica seria necessária. Dias antes de ganhar neném, a parteira pedia às grávidas que usassem defumadores de plantas naturais e tomassem muitos banhos e chás de ervas. Bastante apêgada aos preceitos católicos, Mãe Maga realizava um ritual de orações nos momentos anteriores ao parto. Devido à forma carinhosa e respeitosa com que cuidava de suas grávidas e filhos (as) era considerada uma verdadeira médica. Em troca dos serviços prestados, recebia um "Deus lhe pague" e o respeito de todas (os). Faleceu em 10 de janeiro de 1995 e, por conta de sua enorme dedicação, é lembrada na comunidade como a "Mãe de todos". Também em Conceição das Crioulas, está Joana Joventina, nascida em 20 de fevereiro de 1949. Mãe Joana trabalha no Posto de Saúde local como auxiliar de serviços gerais. Mas, sempre pronta a qualquer chamado às pressas, ela é uma das herdeiras da tradição deixada por Mãe Maga.

Formatado: Fonte: Não  
Negrito

Excluído: T

Formatado: Fonte: Não  
Negrito

Formatado: Fonte: Não  
Negrito

Excluído: e assepsia

Excluído: prática

Formatado: Realce

Dessa forma, as velhas parteiras que conseguem se aposentar, quando o fazem é como trabalhadoras rurais. Todavia, esta realidade tende a mudar. Na região amazônica existe uma intensa movimentação para a legalização do trabalho delas. O I Encontro Internacional de Parteiras da Floresta aconteceu em Macapá, capital do Amapá, em julho de 1998. As principais reivindicações desse fórum

hoje, não têm seu trabalho regulamentado.

Desconsiderando a importância histórica destas mulheres, que, ainda afirmam não terem interesse em seguir pelo mesmo caminho, demonstrando predisposição para a arte de partejar e de benzer estão nas falas de suas netas, bisnetas ou parentes que mesmo oficial. As inúmeras dificuldades e sofrimentos vivenciados por elas alijamento do processo de cura em prol das técnicas da medicina Nos tempos atuais, as parteiras, rezadeiras e benzedadeiras sofrem o ampliar os direitos de seu povo.

para ir ao encontro de autoridades públicas, sempre na tentativa de 1933, na região de Monte Alegre (GO), de onde nunca saiu, a não ser comunidade. Líder kalunga, descendente de escravos, nasceu em parteira é uma grande lutadora em prol do bem estar de sua futura mãe. A quilombola Procóbia dos Santos Rosa, além de banhos, entre outros) e por fim "a do consolo", que procura acalmar a sua tarefa providenciar os materiais necessários (água quente, chás, costas; "a da banda", que se divide entre o quarto e a cozinha, pois é feminina; "a do suspiro", que segura a mulher e a massageia nas buraco", encarregada de pegar o bebê e a única a ver a genitália as funções na hora do parto com pelo menos quatro mulheres; "a do parturientes a extravasarem suas dores coletivamente porque dividem de uma prática de partejo bastante singular, as kalungas ajudam as pois precisam guardar forças para trazer a criança ao mundo. Donas com a sua tradição, as mulheres ao partir não podem gemer ou gritar, também encontra no parto domiciliar traços de sua história. De acordo Remanescentes de um quilombo na região de Goiás, o povo kalunga

suas mãos.

Em Angra dos Reis (RJ), no quilombo de Bracuí, Joana Azevedo dos Santos de 89 anos relata que seu primeiro parto foi quando deu a luz sozinha ao seu terceiro filho. Dona Joana – que também é rezadeira - decidiu partejar como retribuição "à graça concedida por Deus" de ter sobrevivido ao complicado parto de gêmeos. Em quarenta e cinco anos de profissão, ela estima que centenas de crianças nasceram por

Excluído: não foi

Formatado: Fonte: Não Negrito

Excluído: Dona Joana

Formatado: Fonte: Não Negrito

situaram-se no reconhecimento e remuneração destas profissionais. Em 2003, o V Encontro Nacional da Rede de Parteiras Tradicionais aprovou e encaminhou a proposta para a regulamentação da profissão. Responsável pelo aprimoramento de duas mil e quatrocentas profissionais, em mais de noventa e três cidades das regiões Norte e Nordeste, a Rede Nacional de Parteiras Tradicionais busca – através de valorização, organização e reconhecimento deste trabalho – trazer à luz as lutas dessas mulheres que apartaram vidas e preservam essa valiosa tradição.

São dignas de registro as variadas expressões de força e resistência dessa verdadeira arte feminina. Numa história baseada na oralidade, essas personagens aparecem como mulheres fortes e destemidas. Ao contrário do que se pensa suas práticas não se justificam apenas pela atual precariedade da saúde pública. Em boa parte dos casos, elas são procuradas por tornarem o nascimento mais humano, o que demonstra que com grande maestria e um significado próprio de independência, elas ultrapassam historicamente a lógica patriarcal e os limites da administração doméstica, sendo na maioria dos casos as provedoras da família. Donas de escolhas marcadas por coragem e solidariedade, para estas mulheres negras, aqui citadas e milhares de outras anônimas, partear, curar ou benzer não têm dia nem hora marcadas. Suas biografias nos remetem à recusa das limitações impostas pelos papéis de gênero. Para elas, “não há tempo bom ou ruim, chuva ou vento, escuro ou claro”.

Formatado: Realce